

Identidade, Ecologia e a Maçonaria: Uma Análise de uma Identidade ecologicamente situada à Luz das Ciências das Religiões

Identity, Ecology, and Freemasonry: An Analysis of an
Ecologically Situated Identity in the Light of the Sciences of
Religion

Cídio Lopes de Almeida¹

Resumo: Este artigo analisa a identidade maçônica como um processo dinâmico, construído pela linguagem a partir de práticas comunitárias. O problema investigado consiste em compreender em que medida as práticas ritualísticas e simbólicas da Maçonaria, à luz das Ciências das Religiões, podem ser interpretadas como expressões de uma identidade ecologicamente situada. A relevância da abordagem reside na disciplina Linguagens da Religião, que fornece ferramentas para interpretar a Maçonaria como resposta simbólica e ética às demandas do meio ambiente. A pesquisa, de caráter teórico e bibliográfico, fundamenta-se especialmente em Gianni Vattimo e Michel Löwy, articulando teoria da linguagem, ecologia e ritualística maçônica. Os resultados esperados incluem a compreensão da identidade maçônica como um processo simbólico e performativo, bem como a ampliação das contribuições das Ciências das Religiões para o debate contemporâneo sobre identidade religiosa, linguagem e ecologia.

Palavras-chave: Maçônica, Identidade, Linguagens da Religião, Ecologia, Ciências das Religiões.

Abstract: This article analyzes Masonic identity as a dynamic process constructed through language and community practices. The research problem consists in understanding to what extent Masonic ritual and symbolic practices, in the light of the Sciences of Religion, can be interpreted

Recebido em 18 de junho de 2b

¹ Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Membro dos Grupos de Pesquisa Cátedra de Teologia Pública (FUV) e Identidade e Sociabilidades Religiosas Contemporâneas [Faculdades EST]. E-mail: cidioalmeida@gmail.com . Bolsista FAPES

as expressions of an ecologically situated identity. The relevance of this approach lies in the discipline of Religious Languages, which provides tools to interpret Freemasonry as a symbolic and ethical response to environmental demands. The research is theoretical and bibliographic in nature, drawing mainly on Gianni Vattimo and Michel Löwy to articulate language theory, ecology, and Masonic ritual. The expected results include understanding Masonic identity as a symbolic and performative process, as well as expanding the contributions of the Sciences of Religion to contemporary debates on religious identity, language, and ecology.

Keywords: Freemasonry; Identity; Religious Languages; Ecology; Sciences of Religion.

Introdução

A identidade, conceito central na filosofia e nas ciências humanas, tem sido objeto de contínua reflexão, das raízes clássicas às abordagens contemporâneas. Na tradição aristotélica, está ligada à essência (ousia) e ao ser (ontos), numa perspectiva substancialista e estática. O pensamento moderno e, sobretudo, pós-moderno, promove uma inflexão significativa: Gianni Vattimo propõe uma visão pós-metafísica da identidade, concebida como construção estética mediada pela linguagem. Nessa ótica, a identidade é dinâmica e relacional, forjada no diálogo e na experiência comunitária.

Esse novo paradigma permite integrar perspectivas como o ecossocialismo, que articula identidade e crítica estrutural da modernidade capitalista. Michel Löwy propõe um modelo civilizatório baseado na justiça social e ambiental, no qual a identidade se forma na interdependência entre sujeitos, coletividades e meio ambiente, envolvendo pertencimento ecológico e responsabilidade ética.

É nesse horizonte que se insere este artigo, refletir sobre a construção da identidade maçônica a partir de suas práticas ritualísticas e simbólicas, interpretadas à luz das Ciências das Religiões. A Maçonaria, especialmente no Rito Escocês Antigo e Aceito, embora não adote uma linguagem ecossocialista, compartilha princípios que dialogam com essa visão. Seus rituais, performativos e simbólicos, constroem uma identidade coletiva atualizada no uso da linguagem ritual.

A pesquisa adota a perspectiva da Linguagem das Religiões, dedicada a compreender como práticas religiosas operam por meio de linguagem simbólica, rituais e narrativas. Parte-se da hipótese de que

os rituais maçônicos constroem uma identidade simbólica e ética que pode ser lida como resposta ecológica implícita ao contexto histórico-social. Assim, a identidade maçônica é entendida como um processo linguístico-performativo situado em um mundo que exige novos modos de pertencimento e cuidado.

O objetivo é investigar como as práticas ritualísticas da Maçonaria, mediadas pela linguagem simbólica e interpretadas pelas Ciências das Religiões, podem ser compreendidas como expressão de uma identidade ecologicamente situada. O artigo inicia com uma discussão conceitual sobre identidade, partindo da tradição clássica e chegando à perspectiva relacional e ecológica; em seguida, analisa a identidade maçônica no Rito Escocês Antigo e Aceito; por fim, propõe uma leitura dessa identidade à luz das Ciências das Religiões, destacando seu potencial ecológico e social.

1 Da Identidade clássica à construída pela linguagem e situada no ecossocialismo

Essa interrogação sobre a identidade, concebida como construída ou dada, remete à tradição filosófica sobre o Ser, núcleo da metafísica. Nesse contexto, recorreremos a Aristóteles, especialmente à obra *De Anima*. Segundo Maria C. L. G. dos Reis, esse tratado representa “um exemplar magistral da articulação dos dois mais fortes aparatos conceituais de Aristóteles: aqueles desenvolvidos para a teoria do movimento na Física e para a teoria da substância sensível na Metafísica”². Para Aristóteles, a alma é “[...]isto por meio de que primordialmente vivemos, percebemos e raciocinamos [...]; será uma certa determinação e forma, e não matéria ou substrato”³. A alma, enquanto princípio formal e determinante, insere-se assim no domínio da metafísica, ultrapassando a mera dimensão física.

No livro VII da *Metafísica*, Aristóteles formula a pergunta central: “o eterno objeto de pesquisa e o eterno problema: que é o ser, equivale a este: que é a substância”⁴. A distinção entre *ousia*

² REIS, Maria Cecília Gomes dos. Introdução. In: ARISTÓTELES. *De Anima*: Livros I, II e III. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, p. 15-39, 2006, p. 17.

³ ARISTÓTELES. *De Anima*: Livros I, II e III. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 76.

⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica – excertos*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução confrontante e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcos Marcionilo. Revisão Marcelo Perine. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002, p. 289, v. II.

(substância, essência) e *ontos* (ser, existência) permite compreender a identidade como articulação dinâmica entre essência e ato de ser. Miguel Reale resume: “Eis, portanto, a questão de fundo a ser resolvida [...]: que é o ser como substância”⁵. Enquanto a *ousia* define o que algo é, o *ontos* refere-se à sua realidade efetiva; ambos sustentam o ser ao longo do movimento. Aristóteles critica os naturalistas por reduzirem o debate ao físico, deixando de lado o suprassensível. Para ele, a identidade está ancorada numa metafísica cujo horizonte último está “[...] centrado nas instâncias teológicas”⁶.

A passagem do plano ontológico à ação humana se dá na ética e na política, dimensões complementares de sua filosofia: “A ética e a política estão estreitamente unidas na obra de Aristóteles, a ponto de que a *Ética a Nicômaco* termina com o programa que se realiza, ainda que parcial, na *Política*”⁷. A ética, de caráter mais individual, e a política, comunitária, orientam-se para a *eudaimonia*, a vida boa.

Nesse contexto, destacam-se os conceitos de *arché* (ἀρχή, princípio) e *telos* (τέλος, finalidade), centrais para compreender a identidade humana como processo que articula origem e propósito. Aristóteles afirma que, se existe algum fim desejado por si mesmo, “é evidente que esse fim será o bem e o melhor. [...] E, como arqueiros que têm um alvo, não alcançaremos melhor o nosso?”⁸. A relação *arché–telos* pode ser ilustrada pela metáfora da construção, a pedra é

⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*: Sumário e comentários. Tradução e comentários de Giovanni Reale. São Paulo: Ed. Loyola, 2002, v. III, p. 327.

⁶ ARISTÓTELES, 2014, v. I, p. 48.

⁷ No original: “La ética y la política están estrechamente unidas en la obra de Aristóteles, hasta el punto de que la *Ética a Nicómaco* termina con el programa que aproximadamente se realiza en la *Política*. (tradução livre). MARIAS, Julián. Introducción. In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Edición bilingüe y traducción de María Araújo y Julián Marías. 11ª ed. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Mº de la Presidencia, p. VII-XX, 2018, p. XVII.

⁸ No original: “Si existe, pues, algún fin de nuestros actos que queramos por él mismo y los demás por él, y no elegimos todo por otra cosa - pues así se seguiría hasta el infinito, de suerte que el deseo sería vacío y vano -, el evidente que ese fin será lo bueno y lo mejor. Y así, ¿no tendrá su conocimiento gran influencia sobre nuestra vida, y, como arqueiros que tienen un blanco, no alcanzaremos mejor el nuestro? Si es así, hemos de intentar comprender de un modo general cuál es y a cuál de las ciencias o facultades pertenece. (tradução livre). ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Edición bilingüe y traducción de María Araújo y Julián Marías. 11ª ed. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Mº de la Presidencia, p. 2018, p. 1-2.

o princípio material, o projeto arquitetônico é a forma, o construtor é a causa eficiente e a função simbólica do templo representa o fim. Assim também, na natureza, o *telos* da semente é tornar-se árvore, finalidade já inscrita em seu princípio.

Embora criticados pela modernidade, esses modelos continuam a influenciar a cultura ocidental, inclusive a compreensão de identidade. Na Maçonaria, especialmente no Rito Escocês Antigo e Aceito, lê-se que ela “é fundamentada no Amor Fraternal e ao Próximo, com Tolerância, Virtude e Sabedoria [...] uma instituição que tem por objetivo tornar feliz a Humanidade: pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade [...]”⁹. A prática maçônica também se estrutura em torno de princípios e finalidades éticas, expressas, por exemplo, no Ritual de Aprendiz: “[...] levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao vício”¹⁰.

Se, em Vattimo, a identidade se articula na linguagem e na experiência estética comum, em Löwy ela ganha um contorno socioambiental mais explícito, ao inserir a questão ecológica no centro das transformações sociais contemporâneas. Michel Löwy define o ecossocialismo¹¹, como uma estratégia para enfrentar a incompatibilidade entre capitalismo e sustentabilidade, propondo uma transformação radical que une lutas sociais e ecológicas em direção a uma sociedade mais justa e em harmonia com a natureza.

Para os fins deste artigo, interessa-nos compreender de que modo as ideias de Löwy oferecem referências para pensar a identidade como criação estética e coletiva, à luz de Vattimo. O autor revisita criticamente a tradição marxista, destacando que, embora Marx e Engels tenham formulado a noção de ruptura do metabolismo entre sociedade e natureza, não desenvolveram uma abordagem ecológica abrangente. Ao adotarem uma visão em parte acrítica das forças produtivas, deixaram de considerar seu caráter destrutivo para o meio ambiente. O ecossocialismo busca justamente superar esse limite, integrando a crítica marxista do capitalismo à urgência da crise ambiental: “a questão ecológica é [...] o grande desafio para uma renovação do pensamento marxista no início do século XXI”¹².

Löwy propõe, assim, uma transformação não apenas social, mas também civilizacional: “o ecossocialismo implica uma radicalização

⁹ GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (GLESP). Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom – REAA. 9ª. Ed. São Paulo: GLESP, 2012, p. 9;16.

¹⁰ GLESP, 2012, p. 16.

¹¹ LÖWY, Michael. O que é o ecossocialismo? 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

¹² LÖWY, 2014, p. 40.

da ruptura com a civilização material capitalista. Nessa perspectiva, o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização”¹³. Essa proposta confronta diretamente o modelo produtivista contemporâneo, responsável pelo agravamento de problemas ecológicos como poluição urbana, destruição de ecossistemas, aquecimento global e perda acelerada de biodiversidade.

No debate ecossocialista, a identidade não é concebida como atributo individual, mas como resultado de práticas coletivas. Löwy destaca o papel de diferentes atores, como os movimentos sindicais, sociais e intelectuais, cuja convergência constitui a base de uma identidade ecológica e política compartilhada. A figura de Chico Mendes, representante dos povos da floresta, simboliza essa identidade coletiva articulada em torno da defesa da casa comum. Löwy critica, nesse contexto, tanto ecologistas que conciliam suas posições com o capitalismo quanto socialistas que ignoram a dimensão ecológica de suas lutas: “ecologistas reconciliados com o capitalismo ‘esquecem’ seu compromisso socialista, enquanto socialistas atrasados negam a dimensão ecológica de sua luta”¹⁴.

O ecossocialismo também propõe um novo modo de vida, alternativo ao consumismo burguês, como exemplifica a crítica ao uso do automóvel individual, que é um símbolo de hábitos induzidos pela publicidade e alheios à sustentabilidade ambiental. Nesse horizonte, a identidade ecossocialista manifesta-se como um mosaico de identidades sociais convergentes, comprometidas com a construção de um futuro sustentável e igualitário. Ao relacionarmos esse quadro ao percurso conceitual anterior, entre Aristóteles e Vattimo, percebemos que a identidade, outrora fundamentada na *ousia* e no *telos*, é hoje pensada como criação linguística e estética, mas inserida em um contexto histórico e ecológico concreto. O ecossocialismo aparece, assim, como proposta de reorganização simbólica e material da existência coletiva, articulando ética, política e sustentabilidade.

2. A Identidade Maçônica a partir do Rito Escocês Antigo e Aceito

Na seção anterior, observamos como a identidade pode ser concebida como um processo estético-linguístico (Vattimo) e socioambiental (Löwy). Essa perspectiva abre caminho para

¹³ LÖWY, 2014, p. 38.

¹⁴ LÖWY, 2014, p. 12.

reinterpretar a identidade maçônica à luz de uma consciência ecológica ampliada. A ecologia, entendida em seu sentido originário de *oikos*¹⁵ (casa, ambiente comum), transcende a visão restrita à fauna e à flora, abrangendo também a relação interdependente entre o ser humano e seu meio. Nessa chave, a identidade maçônica pode ser lida como uma prática simbólica e ritual que, ao mesmo tempo em que forma indivíduos, os insere em um “ambiente” iniciático, com regras, linguagem e espacialidades próprias.

Embora a Maçonaria faça uso da simbologia da construção de templos enquanto processo de formação pessoal dos adeptos e à formação humanista herdada do Iluminismo, ainda não se engaja de modo explícito com projetos sociais que dialoguem diretamente com o ecossocialismo como paradigma identitário. Contudo, suas metáforas construtivas oferecem terreno fértil para essa leitura. A articulação com o pensamento de Vattimo, já apresentada, permite compreender os rituais maçônicos como atos performativos de linguagem, em que a identidade é continuamente atualizada e compartilhada no interior da comunidade iniciática.

Vattimo, ao abordar a virada linguística, enfatiza que a experiência humana não consiste em um acesso direto ao Ser, mas na produção de sentido mediada pela linguagem. Como observa Souza Filho, “a questão central da investigação filosófica passa a ser então: como pode uma sentença ter significado?”¹⁶. Essa perspectiva permite analisar os rituais maçônicos como atos de linguagem que não apenas representam, mas criam realidades simbólicas. A Maçonaria Simbólica, estruturada nos graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, constitui um espaço privilegiado para essa análise, pois seus rituais são eminentemente performativos, conforme a teoria dos atos de fala de John L. Austin (*Quando dizer é fazer*)¹⁷.

¹⁵ “A palavra ecologia deriva da palavra grega *oikos*, que significa “casa” ou “lugar onde se vive”. Em sentido literal, a ecologia é o estudo dos organismos “em sua casa”. A ecologia define-se usualmente como o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o seu ambiente, ou a ciência das inter-relações que ligam os organismos vivos ao seu ambiente. [...] Está mais em harmonia com a moderna aceção definir a ecologia como o estudo da estrutura e do funcionamento da natureza, considerando que a humanidade é uma parte dela.” ODUM, Eugene P. *Fundamentos de Ecologia*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 4.

¹⁶ SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. A filosofia da linguagem de J. L. Austin. In: AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 7-11, 1990. p. 8.

¹⁷ AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

A estrutura ritualística de uma Sessão Maçônica no Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) exemplifica essa dinâmica identitária. As etapas, da “[...]Abertura Ritualística [...]”¹⁸ ao “[...] Encerramento Ritualístico”¹⁹, organizam o tempo e o espaço da Loja, instaurando uma comunidade simbólica. Desde o anúncio solene do Mestre de Cerimônias, “Venerável Mestre, a Augusta e Respeitada Loja Simbólica acha-se composta, aguardando vossas ordens”²⁰, até o encerramento na fala simbólica do Venerável Mestre: “Meus Irmãos, os Trabalhos estão encerrados e nossa Loja fechada”²¹. cada ato institui papéis e fronteiras.

A pergunta ritual do Venerável Mestre ao Primeiro Vigilante: “Qual é o vosso primeiro dever em Loja?”²², e a resposta, “Verificar se o Templo está coberto”²³, reforçam a ideia de um espaço reservado aos iniciados. Como explica Joaquim Gervásio Figueiredo, “estar coberto”²⁴ significa tomar “[...]precauções para preservar a Loja da intrusão de profanos”²⁵. Essa delimitação espacial e simbólica é um traço distintivo da identidade maçônica, embora universalista em seus ideais, define-se pela iniciação e pertença comunitária.

A identidade maçônica não se limita à exclusividade do espaço ritual. Ela também se estrutura em torno de princípios e finalidades que orientam a prática dos adeptos. Como afirma o Venerável Mestre no *Ritual de Aprendiz*: “Para que nos reunimos aqui, Irmão Primeiro Vigilante?”²⁶ e a resposta: “Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros e glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade. Para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade, levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao Vício”²⁷. Essa fala expressa um compromisso ético e social, revelando também a intencionalidade performativa da linguagem: não se trata apenas de descrever, mas de instituir uma realidade desejada. Como observa Souza Filho, “a verdade é substituída agora pelo conceito de eficácia

¹⁸ GLESP, 2012, p. 12-13

¹⁹ GLESP, 2012, p. 12-13

²⁰ GLESP, 2012, p. 13.

²¹ GLESP, 2012, p. 30.

²² GLESP, 2012, p. 12

²³ GLESP, 2012, p. 12

²⁴ FIGUEIREDO, Joaquim Gervasio de. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. 22^a. ed. São Paulo: Ed. Pensamento, 2015, p. 104.

²⁵ FIGUEIREDO, 2015, p. 104.

²⁶ GLESP, 2012, p. 15-16.

²⁷ GLESP, 2012, p. 15-16.

do ato, [...] e também pela dimensão moral do compromisso assumido na interação comunicativa”²⁸.

A análise dos atos de fala nos rituais maçônicos, à luz da teoria de Austin²⁹, permite compreender como a identidade é continuamente reatualizada em cada sessão. Os atos locucionários (produção de palavras com sentido convencional), ilocucionários (intenções subjacentes, como ordenar, prometer ou afirmar) e perlocucionários (efeitos produzidos nos ouvintes) se combinam para instaurar significados partilhados. A fala do Mestre de Cerimônias — “Venerável Mestre, a Augusta e Respeitada Loja Simbólica acha-se composta, aguardando vossas ordens”³⁰, não apenas descreve uma situação, mas institui um estado coletivo de compromisso com princípios éticos e finalidades comuns. Essa performatividade da linguagem constitui um dos pilares da identidade maçônica.

Além disso, a dimensão dialógica dos rituais, conforme Mikhail Bakhtin em *Os gêneros do discurso*³¹, reforça o caráter coletivo da construção identitária. O diálogo entre os participantes não é mera troca de palavras, mas produção compartilhada de sentido entre sujeitos que se conhecem e respondem mutuamente. Um exemplo marcante ocorre no *Ritual de Mestre Maçom*, quando a encenação da lenda de Hiram Abif, o mestre construtor assassinado por companheiros, promove uma reflexão comum sobre traição, lealdade, justiça e finitude. A pergunta do Venerável Mestre: “Tomastes parte neste horrível crime? Sereis por acaso do número dos maus Companheiros?”³², não apenas dramatiza um episódio, mas cria um espaço simbólico de julgamento e reconhecimento comunitário.

A identidade maçônica, analisada à luz da ecologia como *oikos* e da linguística como ação performativa, revela-se como uma construção dinâmica, dialógica e situada. Os rituais não apenas representam, mas **produzem identidades** em um ambiente comunitário que se atualiza a cada sessão. Embora restrita aos iniciados, essa identidade é universal em seus princípios éticos e sociais, ecoando ideais iluministas de virtude, justiça e bem comum.

²⁸ SOUZA FILHO, 1990, p. 10.

²⁹ AUSTIN, 1990.

³⁰ GLESP, 2012, p. 13.

³¹ BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

³² GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (GLESP). *Ritual do Simbolismo Mestre Maçom* – REAA. 6ª. Ed. São Paulo: GLESP, 2011b, p. 33.

“É fundamentada no amor fraternal, na esperança de que [...] o mundo alcance a felicidade geral e a paz universal”³³.

Apesar de a temática ecossocialista não estar explicitamente presente no discurso maçônico, não há incompatibilidade entre ambos os campos. A performatividade constante de ideais como justiça, felicidade coletiva e construção harmônica da subjetividade do adepto dialoga com princípios ecossocialistas de organização social e ambientalmente justa. Contudo, esse diálogo permanece marginal nas formulações maçônicas atuais, apontando um campo fértil para futuras articulações teóricas.

3. Ciências das Religiões e a Interpretação da Identidade Maçônica

Na perspectiva das Ciências das Religiões, a “linguagem é um poderoso sistema de modelagem do mundo e de constituição de relações”³⁴. Mais do que instrumento de comunicação, ela constitui um espaço simbólico no qual identidades coletivas são construídas e performadas. A partir das reflexões anteriores, que concebem a realidade como construção estético-linguística (Vattimo) e entendem as identidades em chave ecológica e comunitária, torna-se claro que a linguagem exerce papel estruturante na formação e manutenção de identidades. No caso da maçonaria, como exposto na seção anterior, os atos de fala rituais estabelecem intencionalidades que vinculam a identidade maçônica a ideais iluministas e humanistas, ainda que o componente ecológico não seja explicitado nos textos ritualísticos. Essa dinâmica dialoga com a disciplina Linguagem das Religiões, na qual os discursos religiosos constroem sentidos compartilhados por meio de símbolos, ritos e narrativas. Paulo Nogueira observa que:

As linguagens da religião se empenham em narrar e representar coisas díspares, impossíveis e excludentes. Elas tentam dar sentido a um mundo percebido como regido pela morte e pelo caos. Isso faz com que os textos religiosos pareçam de alguma maneira desajustados frente à linguagem funcional, cotidiana.³⁵

³³ GLESP, 2012, p. 9.

³⁴ NOGUEIRA, Paulo Augusto De Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016, p. 259.

³⁵ NOGUEIRA, 2016, p. 253.

Pierre Hadot, em outro contexto, identifica nos filósofos antigos uma preocupação menos com sistemas teóricos e mais com uma Filosofia de Vida. Ao explicar as aparentes incoerências desses textos, conclui que “Os filósofos antigos não buscavam, antes de tudo, apresentar uma teoria sistemática da realidade, mas ensinar aos seus discípulos um método para se orientar tanto no pensamento quanto na vida”³⁶. Essa perspectiva ajuda a compreender a linguagem maçônica: suas aparentes tensões discursivas refletem uma dimensão formativa e existencial semelhante à das tradições religiosas. A identidade não se reduz ao texto literal, mas emerge da experiência simbólica e comunitária que a linguagem ritual viabiliza.

A relação entre linguagem e ecologia amplia essa compreensão. A linguagem maçônica funciona como mediação entre o indivíduo e a comunidade, articulando elementos simbólicos e práticos, e performando uma identidade baseada na virtude e no diálogo. Isso se expressa no Ritual de Aprendiz ao exortar: “praticar a caridade e a beneficência de modo sigiloso sem humilhar o necessitado, incentivando o solidarismo, o mutualismo, o cooperativismo, o seguro social e outros meios de ação social”³⁷. Leonardo Boff fornece um horizonte ecológico abrangente para essa leitura. Ao propor a ecologia como *oikos* (casa comum), ele a compreende como um paradigma relacional, no qual tudo existe em interação: “Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infinita de relações omnicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos”³⁸. A identidade, nesse sentido, é também ecológica, um processo relacional e situado. Para Boff, compreender a realidade exige reconhecer o “mistério das

³⁶ No original : *Au début, je l'ai déjà dit, le problème était pour moi d'expliquer les incohérences – apparentes – des philosophes. Il y avait l'énigme des dialogues de Platon, qui sont souvent aporétiques, peu cohérents les uns avec les autres. [...] Finalement, j'en suis venu à penser que ces apparentes incohérences s'expliquaient par le fait que les philosophes antiques ne cherchaient pas avant tout à présenter une théorie systématique de la réalité, mais à apprendre à leurs disciples une méthode pour s'orienter aussi bien dans la pensée que dans la vie (tradução livre).* HADOT, Pierre. *La Philosophie comme manière de vivre*. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 2001, p. 142-143.

³⁷ GLESP, 2012, p. 10.

³⁸ BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade: A emergência de um novo paradigma*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996, p. 14.

coisas”³⁹, que “fundamenta [...] todas as falas”⁴⁰. Essa dimensão mística aproxima-se da maçonaria, para a qual “a verdade, esse mistério inatingível, [...] nos atrai com força irresistível”⁴¹.

A espiritualidade, observa Boff, “[...] nutre-se do vasto mundo simbólico e se expressa comumente por símbolos”⁴². Essa concepção se alinha à linguagem ritual maçônica, que proclama “a existência de um PRINCÍPIO CRIADOR [destaque no original], ao qual, em respeito a todas as religiões, denomina de Grande Arquiteto do Universo”⁴³. Assim, a maçonaria compartilha com as tradições religiosas uma lógica simbólica que articula mistério, transcendência e prática comunitária.

Por fim, o tema ecológico permite integrar dimensões éticas e relacionais. A mística maçônica, expressa na lenda de Hiram Abif e no princípio da fraternidade universal, vincula-se à ideia de cuidado, que para Boff constitui um modo-de-ser essencial, “uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada”⁴⁴. Conclui-se que a abordagem da Linguagem das Religiões, em diálogo com perspectivas ecológicas, oferece um quadro analítico eficaz para compreender a identidade maçônica como fenômeno simbólico, relacional e situado. A linguagem ritual, os símbolos e os princípios éticos constituem um espaço no qual se urde uma identidade coletiva marcada por valores, transcendência e pertença comunitária.

Considerações Finais

A reflexão desenvolvida neste artigo evidenciou um percurso que articula filosofia clássica, teoria da linguagem e ecossocialismo, à luz das Ciências das Religiões. Partindo de Aristóteles, observou-se como a identidade foi inicialmente concebida em chave metafísica, centrada na substância (*ousia*) e no ser (*ontos*), buscando fundamentos e finalidades. Essa tradição foi tensionada pela filosofia contemporânea, em especial por Gianni Vattimo, que propôs uma visão pós-metafísica da verdade e da identidade, compreendendo-as como construções estéticas mediadas pela linguagem e pela arte.

³⁹ BOFF, 1996, p. 147.

⁴⁰ BOFF, 1996, p. 147.

⁴¹ GLESP, 2011b, p. 64,

⁴² BOFF, 1996, p. 170.

⁴³ GLESP, 2012, p. 9.

⁴⁴ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999, p. 13.

Com Michel Löwy, o ecossocialismo forneceu um horizonte crítico que integra identidade, justiça social e sustentabilidade, permitindo reinterpretar práticas comunitárias como portadoras de sentido ecológico. Nesse cenário, a Maçonaria — mesmo sem utilizar explicitamente esse vocabulário — revelou-se portadora de elementos que dialogam com tais perspectivas, sobretudo pela ênfase em virtude, fraternidade e construção coletiva. Seus rituais e linguagem performativa configuram espaços de formação identitária, articulando indivíduo e comunidade em uma dimensão simbólica e ambientalmente situada.

As Ciências das Religiões, por meio da disciplina Linguagens da Religião, mostraram-se um instrumento teórico privilegiado para interpretar a linguagem ritual maçônica como prática criadora de realidades simbólicas. Essa linguagem não apenas comunica, mas institui sentidos e vínculos identitários, ecoando a proposta vattimiana de verdade como construção estética e coletiva. Compreendida nesse horizonte, a identidade maçônica manifesta-se como fenômeno relacional e ecológico, tecido numa rede de significados e interdependências sociais.

A relevância dessa abordagem reside em integrar a Maçonaria ao debate contemporâneo sobre identidades ecológicas e comunitárias, ampliando o escopo das Ciências das Religiões ao abordar um fenômeno social presente na cultura brasileira, mas ainda pouco explorado academicamente. A Ordem Maçônica, ao articular tradição simbólica, ética e linguagem ritual, atua como mediadora entre passado e presente, entre fundamentos clássicos e desafios civilizacionais do século XXI.

Por fim, abrem-se perspectivas de investigação futuras, especialmente no que se refere às tensões internas entre os ideais universalistas da Maçonaria e sua prática institucional. Questões como a inclusão feminina e os limites das práticas comunitárias revelam campos férteis para aprofundar a análise da construção identitária maçônica em chave ecológica e social.

Bibliografia

ALMEIDA, Cídio Lopes de. O intelectual orgânico como dirigente poético: o fazer poema de Agostinho da Silva como ação diretiva do intelectual orgânico dos subalternos em Gramsci. *Revista Unitas*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 59-78, 2023.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Edición bilingüe y traducción de María Araújo y Julián Marías. 11ª ed. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Mº de la Presidencia, 2018.

ARISTÓTELES. *Metafísica – excertos*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução confrontante e comentário a cargo de Giovanni Reale. Trad. Marcos Marcionilo. Revisão Marcelo Perine. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002. v. II.

ARISTÓTELES. *Metafísica: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale*; tradução Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. v. I.

ARISTÓTELES. *Metafísica: Sumário e comentário*. Tradução e comentários de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002. v. III.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade: A emergência de um novo paradigma*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervasio de. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. 22ª ed. São Paulo: Ed. Pensamento, 2015.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (GLESP). *Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom – REAA*. 9ª ed. São Paulo: GLESP, 2012.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (GLESP). *Ritual do Simbolismo Companheiro Maçom – REAA*. 6ª ed. São Paulo: GLESP, 2011a.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (GLESP). *Ritual do Simbolismo Mestre Maçom – REAA*. 6ª ed. São Paulo: GLESP, 2011b.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA MISTA DO BRASIL. Home. Disponível em: <https://www.grandelojamista.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HADOT, Pierre. *La Philosophie comme manière de vivre*. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 2001.

LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

NOGUEIRA, Paulo Augusto De Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016.

ODUM, Eugene P. *Fundamentos de Ecologia*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 10 [ebook].

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. A filosofia da linguagem de J. L. Austin. In: AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 7-11.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.